Dia 27 — São Ladislau, Rei da Hungria

São Ladislau, mais ilustre por suas virtudes e por seus milagres que por suas conquistas e por sua coroa, foi filho do rei Bela, neto de um primo-irmão de Santo Estêvão, chamado apóstolo da Hungria. Nasceu no ano de 1041 na Polônia, onde se havia refugiado seu pai fugindo das violências de Pedro, sucessor de Santo Estêvão. Criou-se juntamente com seu irmão mais velho Geza ao lado de sua mãe, filha do duque da Polônia, princesa virtuosa, que dedicou o mais vigilante cuidado a sua melhor e mais cristã educação; embora o belo natural de Ladislau se antecipasse a todas as instruções.

Observou-se desde logo no jovem príncipe uma índole tão aprazível, uma compostura e uma docilidade que arrebatava os corações e a admiração. Adiantou-se a devoção aos anos e ao uso da razão a prudência e a sensatez. Eram as nobres prendas de Ladislau o feitiço da corte da Polônia quando voltou à Hungria sua real casa por uma repentina revolução daquele reino.

Morto o rei Pedro, subiu ao trono André, irmão mais velho de Bela e tio de Ladislau. Chamou à corte seu irmão, deu-lhe o título de duque e quis que seus dois sobrinhos Geza e Ladislau se criassem em seu palácio e diante de seus olhos. Dentro de pouco tempo foi Ladislau o enlevo da corte da Hungria, como o havia sido da da Polônia. Era casto, sóbrio, composto, afável com todo o mundo, respeitado por sua eminente virtude e sobretudo cheio de compaixão e de caridade com os pobres; não menos inimigo da ambição que da avareza. Conheceu-se isto quando seu pai Bela ascendeu à coroa da Hungria, porque não pôde dissimular seu desgosto e sua dor vendo-o no trono por haver tirado a vida a seu próprio irmão André num sangrento combate. Explicou publicamente sua desaprovação e seu justo sentimento, mostrando depois por toda a sua conduta que nisto só se governava pelas regras da equidade e pelos princípios da religião; porque, sendo eletiva a coroa, trabalhou quanto pôde, morto já seu pai, para que recaísse nas frontes de Salomão, filho de André, sem atender ao interesse que lhe resultaria em solicitá-la para seu irmão Geza ou para sua mesma pessoa.

Fez-se a todos odioso Salomão por suas crueldades e por outros muitos excessos. Juntou-se Ladislau a Geza para lançá-lo do trono. Subiu Geza a ele e o ocupou só três anos. Morto Geza, os prelados, a nobreza do reino e os magistrados das cidades, todos de unânime consentimento elegeram Ladislau para sucedê-lo. Vivia ainda Salomão no lugar de seu desterro e, com uma generosidade talvez sem exemplo, lembrando-se Ladislau das razões que havia tido presentes a primeira vez para preferi-lo a seu irmão, pelas mesmas quis agora preferi-lo a si mesmo e passou os mais vivos ofícios às cortes do reino para que o restabelecessem no trono; mas as cortes negaram resolutamente os ouvidos a sua repugnância e a sua modéstia. Rendeu-se, enfim, às instâncias dos grandes e aos clamores do povo e foi coroado com geral aplauso e satisfação no ano

de 1080.

Logo que Ladislau se viu rei da Hungria, resolveu fazer reinar em seus estados Jesus Cristo. Foram suas primeiras providências restituir a religião a seu primitivo esplendor e estabelecer a paz, a boa-fé, a tranquilidade e a abundância em seu povo. Dentro de pouco tempo viram-se reflorescer na Hungria aquela pureza de costumes, aquela modéstia em todos os estados e aquela exata honradez em todas as idades, sexos e condições que no tempo de Santo Estêvão lhe haviam feito o reino mais feliz de toda a cristandade. As artes, o comércio, a agricultura, tudo se renovou com a virtude; e em breves dias se conheceu quanto pode para fazer ditosos seus vassalos um rei santo que junta, como sucede de ordinário, a uma sólida piedade uma heroica magnanimidade, uma prudência consumada e um esforçado valor.

Só o antigo rei Salomão não podia levar em paciência a geral aclamação de todas as ordens e o universal amor que os vassalos professavam a Ladislau, parecendo-lhe que a primeira confirmava sua exclusão e a segunda fechava de todo a porta à esperança de voltar a ocupar o trono algum dia; pensamentos que o traziam muito inquieto e se observavam nele bastantes sinais de querer turbar o reino. Fez-lhe entender Ladislau o pouco apego que lhe merecia a coroa, declarando-lhe quão disposto se achava a renunciá-la a seu favor e retirar-se a seu ducado para desfrutar a doce tranquilidade da vida particular, contanto que ele pudesse obter o consentimento dos húngaros, desinteresse que por então ganhou a vontade de Salomão e, cedendo todos os seus direitos, contentou-se com uma pensão que lhe consignou Ladislau e que no futuro lhe aumentou. Mas seu inquieto natural não lhe permitiu estar sossegado; começou a mover os ânimos e se descobriu que tramava uma conjuração contra o príncipe, pelo que Ladislau se viu obrigado a prendê-lo; embora, podendo mais sua bondade que todas as considerações políticas, o pôs logo em liberdade e até o fez vir à corte, para fixar sua inconstância com novos favores e vencer sua má inclinação à força de benefícios. Nada bastou para corrigir aquele gênio turbulento; pois, insensível e ingrato a tantas piedades do rei, retirou-se aos estados do reino dos hunos, a quem fez tomar as armas contra Ladislau e, pondo-se ele mesmo à frente de um corpo de bandidos, foi inteiramente derrotado, vendo-se obrigado a salvar a vida com a fuga. Escondeu-se entre a maleza de um espessíssimo bosque, onde se diz que lhe tocou Deus tão vivamente o coração, infundindo-lhe tal espírito de penitência à vista de suas contínuas desgraças, fruto necessário de suas desordens, que jamais quis sair daquela solidão, onde passou o resto de sua vida chorando dia e noite seus pecados e não omitindo meio algum para apagá-los com os rigores da mais severa penitência.

Livre já Ladislau deste cuidado, dedicou-se inteiramente a restabelecer a justiça, a ordem e a polícia em todo o seu esplendor. Convocou uma junta geral dos prelados, da nobreza e do estado comum. Presidiu o mesmo rei: e as ordenações que se formaram nela, muito oportunas para conservar e para perpetuar a felicidade de um estado, recopilaram-se em três livros separados e são reputadas pela quinta-essência da política cristã.

Era como preciso que tantas e tão gloriosas felicidades despertassem a inveja e os ciúmes dos príncipes vizinhos. Achou-se de repente acometido de inimigos formidáveis que, considerando-o mais devoto que valente, fizeram várias irrupções em seus estados, aspirando a nada menos que à conquista de todo o reino. Tentou o santo rei todos os meios de paz para reduzi-los à razão; mas, experimentando-os inúteis, fez levas, juntou tropas, pôs-se à frente delas e marchou

intrepidamente a derrotar seus inimigos. Como não era menos capitão que santo, contou o número das vitórias pelo número das batalhas. Obrigou os boêmios a conter-se dentro dos termos de seu dever; lançou de seus domínios os hunos que assolavam a Hungria e os obrigou a pedir a paz; tomou Cracóvia; domou os poloneses e os russos; tirou dos bárbaros a Dalmácia e a Croácia; desfez mais de uma vez os tártaros e conquistou grande parte da Bulgária e da Rússia.

Mas estas ações militares não diminuíam o desvelo e aplicação que dedicava a que reinasse Deus no coração de seus vassalos e a que florescesse a virtude em seus estados. Pregavam eloquentemente a todos sua devoção, sua doçura e seus exemplos; bastava vê-lo na igreja para inspirar fé, compostura e respeito à religião. Não se viu príncipe no mundo que se mostrasse mais terno pai de seu povo, mais inimigo do erro nem mais religioso em tudo. Suas diversões se reduziam a seus exercícios espirituais e ao cumprimento de suas reais obrigações. Seu palácio mais parecia casa de religião que corte de um grande príncipe. Raro dia deixava de assistir aos ofícios divinos, e nenhum sem dar audiência a seus vassalos. Ele mesmo lhes fazia justiça, acomodava suas diferenças, tratava com todo o mundo, e todos o amavam como a pai.

Sua corte era magnífica e esplêndida sua mesa; mas sua vida era muito austera. Jejuava rigorosamente muitos dias na semana; dormia sobre a dura terra e, no meio de ser tão inocente sua vida, macerava sua carne com rígidas penitências. Pelo grande amor que professou à castidade toda a sua vida, olhava com positiva repugnância o matrimônio; e embora os grandes e os povos lhe rogassem, lhe instassem, o importunassem sobre que se casasse para perpetuar no trono sua posteridade, não foi possível fazer fraquejar sua constância, tocando quase a raia de excessiva sua delicadeza neste particular.

Foi verdadeiramente magnífica sua caridade com os pobres; tanto que era já como dito comum na Europa que o rei da Hungria só era poderoso para fundar hospitais, para erigir igrejas e para socorrer os necessitados. Antes de sair a campanha dispunha que se publicassem três dias de jejum e de rogativas públicas nas igrejas; passava horas inteiras prostrado aos pés dos altares, e sua devoção, cada dia mais fervorosa, se fomentava com a frequência dos sacramentos. Sempre que comungava manifestava no semblante sua viva fé e seu abrasado amor a Jesus Cristo na adorável Eucaristia.

A terna devoção à santíssima Virgem foi quase desde o berço em nosso santo rei a mais favorecida entre todas as suas devoções; e a célebre basílica de Nossa Senhora de Waradin, que fez levantar desde seus alicerces, será eterno monumento à posteridade de seu amor e de sua ternura à Virgem Mãe de Deus.

Havia muito tempo que se abrasava Ladislau em ardentes desejos de sacrificar sua vida e derramar seu sangue em honra e amor de Jesus Cristo. Com este intento aceitou o mando geral da grande Cruzada do Ocidente, que de unânime conformidade lhe ofereceram todos os príncipes cruzados para livrar a terra santa do jugo dos sarracenos. Unidos para tão santa empresa grande número de príncipes cristãos às poderosas solicitações e fervoroso zelo do papa Urbano II, depois do célebre concílio de Clermont, na Auvérnia, que presidiu o mesmo pontífice, os príncipes da Espanha, França e Inglaterra que se cruzaram fizeram justo conceito de que não era possível encontrar chefe mais digno nem mais valoroso capitão que o rei da Hungria. Despacharam-lhe,

pois, uma solenísima embaixada para suplicar-lhe, em nome de todos, que aceitasse o mando geral de um exército composto de quase trezentos mil combatentes. Não podia negar-se Ladislau a uma expedição que por tão santa se conformava tanto com seu religioso gênio; mas contentou-se o Senhor com sua generosa disposição, porque o retirou deste mundo para que reinasse no céu quando se estava prevenindo para fazer que o mesmo Senhor reinasse na Palestina. Morreu, segundo Bonfínio, no dia 30 de julho do ano 1095, aos cinquenta e quatro de sua idade e ao décimo quinto de seu glorioso reinado.

Apenas se publicou a morte do santo rei, cobriu-se de luto e de dor todo o reino da Hungria. Não houve monarca cuja perda fosse mais sentida nem chorada com lágrimas mais sinceras. Foi conduzido seu corpo à igreja de Nossa Senhora de Waradin, que havia fundado; o enterro mais parecia triunfo que pompa fúnebre. Tardou pouco Deus em manifestar a glória de seu fiel servo com ilustres maravilhas. Diz-se que, tendo-se dormido na última mansão os que acompanhavam o corpo mais do que era mister para chegar a tempo, o carro em que ia o santo cadáver marchou por si só sem cavalos nem mão alguma visível que o puxasse e caminhou até Waradin, parando-se no lugar da sepultura antes que o pudessem alcançar os do acompanhamento. Assim, pela santidade de sua vida como pela multidão de milagres que obrou Deus em seu sepulcro, canonizou-o o papa Celestino III no ano de 1198. O martirológio romano assinala sua festa no dia 27 de junho, que verossimilmente foi aquele em que se celebrou a trasladação de suas relíquias.

São Zoilo, Mártir

No tempo em que os imperadores Diocleciano e Maximiano moveram contra a Igreja uma das mais sangrentas perseguições que padeceu, florescia em Córdoba São Zoilo, natural da mesma cidade, descendente de distinta prosápia, acreditando por suas louváveis ações a nobreza de sua qualidade. Educado na fé de Jesus Cristo, não satisfeito com seguir ocultamente a profissão de cristão, como o executavam outros naquelas calamitosas idades, fazia na juventude pública ostentação de sua religião, pregando suas infalíveis verdades à vista dos pagãos com animosa resolução.

Ofendidos os gentios de tão generosa intrepidez, valendo-se das faculdades que lhes franqueavam os editos imperiais, prenderam-no e apresentaram-no ao governador da cidade (cujo nome não se refere em seus atos), dizendo-lhe: «Este jovem nobilíssimo por seu nascimento, mas vil por sua profissão, ele mesmo se publica e trata como cristão e despreza a antiga religião de nossos deuses, venerados em todo o mundo.» Pareceu ao governador que, rendendo uma pessoa tão ilustre e de tanta reputação a que sacrificasse aos deuses, contribuiria seu exemplo a que o fizessem os demais; e, conduzindo-se com esta ideia, principiou a repreendê-lo nestes termos: «Por que, sendo nobre, pões a tua linhagem tão feio borrão, seguindo o sistema de uma gente vil como os cristãos, que, não tendo títulos de honra com que dar-se a conhecer na república, querem fazer-se conhecidos por inventores de novidades? Nossa religião está autorizada com a antiguidade; mas a vossa nasceu ontem, tão desacreditada que é afronta professá-la e tão perseguida que o não deixá-la é temeridade. Crê-me, Zoilo, obra como cavaleiro, deixa o erro em que estás, pois do contrário serás a vítima de minha indignação e o escarmento de teus

semelhantes.» «Vício de infames são as mentiras, respondeu Zoilo, assim como é próprio dos nobres dizer e defender a verdade. A lei dos cristãos o é sem dúvida, pois é seu autor o verdadeiro Deus. Vossas deidades sim que são de ontem, feituras das mãos dos homens, que não podem nem são capazes de dar divindade às pedras nem aos lenhos de que formais vossos vãos ídolos. Que caso se há de fazer de uma religião que tributa culto aos adúlteros, homicidas e homens perversos, confessados assim por vossos mesmos poetas na história de suas vidas?»

Não tendo o governador que responder a semelhantes discursos, disse-lhe: «A vós os cristãos não se há de satisfazer com palavras, mas com obras, pois estais tão preocupados com vossas necedades que nem de vós mesmos tendes compaixão, arrojando-vos como desesperados a vossa ruína. Escolhe, pois, ou viver com honra e comodidade, sacrificando aos deuses, ou morrer à violência de diferentes tormentos.» Não alterou o santo jovem tão terrível ameaça; antes bem, desejoso de testificar com seu sangue as verdades infalíveis de nossa santa fé, começou a pregá-la com mais valor, declamando com igual brio contra os delírios e necedades da idolatria.

Uma resolução tão generosa irritou tanto o ânimo do governador que, mudando de tom, mandou que o açoitassem furiosamente e que lhe despedaçassem as carnes com garfos de ferro; mas, mantendo-se Zoilo no meio das crueldades com um semblante sereno, dando graças ao Senhor porque o fazia digno de padecer por seu amor, voltado ao tirano, lhe dizia: «Fere, rasga e despedaça meu corpo, pois, enquanto mais o atormentares, mais crescerá minha coroa; pois meu mestre e senhor Jesus Cristo ensina em seu Evangelho a seus discípulos a não temer aqueles que só podem causar a morte corporal. Sabe que esta é para mim o fim de todos os males e o princípio de uma inamissível felicidade; mas para ti será entrada a uma eterna noite de trevas infernais, onde em companhia dos demônios serás atormentado pelos séculos dos séculos sem esperança alguma de refrigério.»

Não pôde o tirano sofrer por mais tempo tão ilustre exemplo de fortaleza, tão alto menosprezo dos bens caducos desta vida, tanta burla nem desprezo como fazia Zoilo de sua ira e de seus tormentos; e, embriagado de sua própria cólera, usurpando o ofício aos verdugos, cortou-lhe a cabeça com suas mesmas mãos. Pareceu-lhe pouco haver descarregado contra o santo em vida seu furor e assim quis vingar-se de seu venerável cadáver, mandando enterrar vilmente um sujeito de seu caráter no campo assinalado para os peregrinos e estrangeiros, a fim de que não pudesse ter entre os cristãos a correspondente veneração. Ali se manteve desconhecido por espaço de muitos séculos até que o mesmo santo apareceu ao bispo de Córdoba, chamado Agapito, e, manifestando-lhe o sítio de sua sepultura, preveniu-lhe que era vontade de Deus que trasladasse seu cadáver a mais decente lugar. Passou o bispo imediatamente, acompanhado do clero e povo, ao lugar indicado e, tomando a enxada, não deixou de cavar na terra até que descobriu as santas relíquias, beijando-as tantas vezes e com tanta intensão que lhe caíram dois dentes no ato daquela profunda veneração. Alegres todos por tão feliz achado, entre suaves cânticos e festivos parabéns, colocaram-no por então na pequena igreja de São Félix, até que, tendo edificado Agapito um magnífico templo dedicado ao santo, trasladou-se a ele, onde depois se enterraram muitos mártires dos que padeceram nas perseguições dos agarenos.

Na dita igreja permaneceram as relíquias de São Zoilo até que se trasladaram ao mosteiro de Carrión, da ordem beneditina, pelos anos de 1070, pouco mais ou menos, pelo seguinte motivo:

havia servido ao rei mouro de Córdoba o conde Fernán Gómez de Carrión na guerra que teve com outros inimigos de sua seita e, pedindo-lhe em recompensa o corpo de São Zoilo, concedido gostosamente pelo árabe, trasladou-o com o de São Félix ao expressado mosteiro, fundado por sua mãe Dona Teresa, mulher do conde Dom Gómez de Carrión, onde se depositaram em duas arcas preciosas de prata, dignando-se o Senhor obrar repetidos prodígios pela intercessão de seu fiel servo.

Tratou no ano de 1600 a cidade de Córdoba com o geral beneditino, que era então frei João dos Arcos, e com frei Plácido de Huesca, abade do de Carrión, que lhe concedessem algumas relíquias do santo. Abriu-se a arca de seu depósito e, depois de tantos séculos, acharam-se os ossos, camisa, roupa e cíngulo de São Zoilo banhados com o sangue de seu martírio.

Em Córdoba se conservam junto à antiga igreja de São Miguel umas casas que por tradição se crê haverem sido as da habitação do santo, nas quais se tem em grande veneração um poço que chamam de São Zoilo, cujas águas têm feito admiráveis curas das dores de rins. Com isto se confirma o que se refere de seu martírio, a saber: que, enfurecido o tirano de ver sua constância na paixão, mandou tirar-lhe os rins pelas costas e lançá-los naquele poço.

Martirológio Romano

Na Galácia, São Crescente, discípulo do apóstolo São Paulo, que, em sua passagem pelas Gálias, converteu com sua pregação um crescido número de infiéis à fé de Jesus Cristo. Voltado logo ao povo a quem havia sido dado especialmente por bispo e tendo afiançado os gálatas na obra do Senhor até o fim de seus dias, foi por último martirizado no tempo de Trajano.

Em Córdoba, São Zoilo, mártir, com outros dezenove.

Em Cesareia da Palestina, São Anecto, mártir, que na perseguição de Diocleciano, sob o presidente Urbano, depois de haver exortado os outros ao martírio e derrubado os ídolos com sua oração, foi condenado a ser açoitado por dez soldados e, depois de lhe haverem sido cortadas as mãos e os pés, recebeu a coroa do martírio pela degolação.

Em Constantinopla, São Sansão, presbítero, hospitaleiro dos pobres.

Na Turena, São João, presbítero e confessor.

Em Waradino, na Hungria, São Ladislau, rei, ilustre além disso por seus brilhantes milagres.

Em Châlons-sur-Marne, Santa Roma, virgem.

No Hainaut, Santo Adelino, confessor, cujas relíquias estão em Crespin.

Entre os gregos, São João Mirófono.

Em Nola, São Deodato, bispo.

Em Acqui, no país de Monferrato, São Maiorino, bispo da dita cidade.

Em Bérgamo, Santa Adelaide, viúva.

Na Itália, São Fernando, bispo de Capaccio.

Sobre o lago de Como, Santo Arialdo, diácono, venerado como mártir no país.

Missa (oração)

A missa é da oitava de São João Batista, e a oração de São Ladislau é a seguinte:

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Ladislai confessoris tui solemnitate deferimus: ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi, Senhor, favoravelmente as súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso confessor, o bem-aventurado Ladislau, para que os que não confiamos em nossos méritos sejamos ajudados por vossa graça pelos rogos do que teve a ventura de agradar-vos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é a mesma do dia 12 (Eclesiástico 31; o OCR diz «cap. 3 da Sabedoria»).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Somente os judeus deixam de contar o livro do Eclesiástico entre os livros canônicos. Hoje nenhum católico duvida de que o seja tanto como todos os demais, sendo clara a tradição da Igreja nos testemunhos de São Clemente de Alexandria, de Eusébio de Cesareia, de Santo Isidoro Pelusiota, de São Basílio, de São Cirilo de Alexandria, etc. Além disso, a Igreja latina dá também provas concludentes do mesmo. É expressa a decisão do terceiro concílio de Cartago no cânon 47. Tertuliano, São Cipriano, Santo Agostinho, São Próspero, São Leão, Santo Ambrósio, etc., demonstram o mesmo.»

Reflexões

O texto diz: «Bem-aventurado o rico que foi achado sem mancha nem defeito.» Realmente não há fenômeno mais raro nem mais digno de admiração que um homem rico, e ao mesmo tempo inocente e justo, que não coloque sua confiança nas riquezas. O efeito natural destas é inspirar orgulho e presunção. Mas ao mesmo tempo tampouco há vaidade mais tola nem mais néscia. Porque na verdade: que mérito comunica à pessoa a multidão de rendas, grandes terras, dilatadas posses? Se o herdeiro é um idiota, um tolo, um dissoluto, que virtude, que sabedoria, que discrição, que entendimento lhe comunicará a rica herança? Uma estátua de madeira dourada nunca é mais que uma estátua de madeira. As riquezas incham; mas onde há vaidade mais mal fundada? Um homem infeliz e das fezes do povo, que representou no teatro o papel de príncipe, em despindo-se dos vestidos ricos ficou tão desprezível como o era antes. Ninguém devia ser mais humilde que os ricos, se todo o seu mérito consiste em seus tesouros, porque não há coisa mais forasteira à pessoa que o valor e preço do dinheiro; e, se o rico não tem mais mérito por outra parte, só se estima nele o que é seu, mas não o que é ele mesmo. Ó meu Deus, e quantas inflamações da alma curaria um pouco de reflexão! Nada devia humilhar tanto o homem como ouvir que só se louva sua mesa, seus móveis, suas salas, suas paixões, seu equipamento, suas librés, seus cavalos; e na verdade, que outra coisa se louva de ordinário na casa de um poderoso? Mas esta vaidade ainda é muito mais sensível numa mulher mundana. Toda a sua profanidade só serve para que brilhe um pouco mais, digamo-lo assim, sua pobreza de entendimento e sua total falta de juízo. Certamente causa compaixão aquela altivez grosseira que ainda está cheirando a vulgacho, a gente ordinária e popular. Valha-me Deus, e que pouquinha coisa é uma mulher que nem por seu nascimento nem por suas prendas tem mais mérito que o da magnificência de suas galas! Mas suponhamo-la nobre, formosa e discreta. Não há coisa mais superficial, mais vazia nem

menos sólida. A mais brilhante discrição é um fogo-fátuo que deslumbra e desaparece. Não há mérito mais falso que o que vai consumindo o tempo: tal é o das mulheres mundanas que têm muita formosura, muitos bens e pouca religião.

Uma das maiores tentações do homem sobre a terra são as riquezas. O que as sabe possuir sem mancha, ou abandoná-las sem dificuldade, ou perdê-las sem dor, é verdadeiramente perfeito e digno de eterno louvor. Ser pobre no meio das riquezas ou estar contente entre os braços da pobreza; achar-se alguém no meio do fogo sem queimar-se, rodeado de aduladores sem engrandecer-se, entre mil ocasiões de pecar sem cair nelas; poder pecar impunemente e não fazê-lo, certamente é a maior de todas as maravilhas e é a maior prova de ânimo excelente, de um grande coração e de um mérito distinguido, não menos que de uma solidíssima virtude. Se se separa da piedade e da religião tudo o que louva o mundo, não é mais que ruído sem substância. O rico virtuoso é afável, é humano, é doce, é cortês e até é também humilde. Uma mulher virtuosa sempre é modesta no meio da mais opulenta fortuna. O vão resplendor das riquezas só deslumbra as almas baixas, indevotas e ordinárias. Quando se desvanece a cabeça num lugar alto, sinal é de pouca serenidade ou de muita fraqueza. A verdadeira virtude e o mérito verdadeiro estão à prova de semelhantes acidentes.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 22 de São Mateus.

Mateus 22,35-40

> **Latim:** 35 et interrogavit eum unus ex eis legis doctor, tentans eum : 36 Magister, quod est mandatum magnum in lege ? 37 Ait illi Jesus : Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua. 38 Hoc est maximum, et primum mandatum. 39 Secundum autem simile est huic : Diliges proximum tuum, sicut teipsum. 40 In his duobus mandatis universa lex pendet, et prophetæ.

Português: 35 e hum d'elles que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou: 36 Mestre, qual he o grande mandamento da lei? 37 Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. 38 Este he o maximo, e o primeiro mandamento. 39 E o segundo semelhante a este he: Amarás a teu proximo, como a ti mesmo. 40 D'estes doux mandamentos depende toda a lei, e os profetas.

Meditação

Que a Deus não se há de amar pela metade

Primeiro ponto

Considera que amar pela metade a Deus é absolutamente não amá-lo ou, quando muito, é reconhecer a obrigação que há de amá-lo absolutamente. Reputa-se por amor este conhecimento estéril que se tem da obrigação de amar, e nisto consiste o erro.

Amar pela metade a Deus é não mais que ter uma meia vontade de amá-lo. Olha tu se Deus se poderá contentar com esta disposição. Amar pela metade a Deus é, no máximo, estar resolvido a obedecer-lhe em tudo o que manda, sob pena de condenação eterna; mas importar-se pouco com não comprazê-lo em tudo o que nos manda debaixo de graves penas é querer dar-lhe gosto em certos pontos, com deliberação de desagradá-lo em tudo o mais: é, enfim, lisonjear-se de que se o ama porque se teme sua justiça; mas é amar verdadeiramente o mundo, amar seus gostos e amar-se alguém a si mesmo com preferência a todo outro amor, porque quer cada qual seguir suas inclinações e não fazer-se violência em coisa alguma. Contentar-se-á Deus com esta divisão? «Ninguém pode servir a dois senhores.» Pede-nos Deus todo o coração, porque é seu: pede-nos o demônio que o partamos. *Dividatur:* respondemos nós, sentenciando em favor desta repartição. *Date illi:* replica Deus, com as mesmas palavras da verdadeira mãe: «eu não quero coração partido: leve-o o mundo por inteiro; causa-me horror essa divisão.» Na verdade não pode Deus contentar-se com ela nem sequer aprová-la.

Meu Deus, quantos homens se cegam, quantos se enganam miseravelmente crendo que amam de verdade a Deus porque têm esta meia vontade, porque observam exatamente certos pontos da lei, porque olham com particular horror certos pecados; e não refletem enquanto isso que nada desonra mais, por assim dizer, nosso bom Deus que essa meia vontade, que esse coração partido! Quando se comete uma desobediência sem saber que é o príncipe a quem se desobedece, não é delito irremissível; mas desagradá-lo com pleno conhecimento de que é ele a quem se desagrada é um desprezo digno de severo castigo. Conhece-se a Deus, pois que se o ama pela metade, segundo erradamente se imagina: pois que desprezo mais formal nem mais injurioso ao mesmo Deus que negar-lhe o que pede, que desgostá-lo no que quer, quando afinal de alguma maneira se o conhece? Não é isto imitar os demônios, os quais conhecem a Deus e o temem, mas os desditados não o amam?

Ah, Senhor, e vos amei eu até aqui, quando tão perdidamente me amei a mim mesmo, amando o mundo! Não estou nele senão para amar-vos: vejo-me já ao fim da carreira e ainda não comecei a amar-vos. Matéria verdadeiramente grande de dor, de amargura e de arrependimento.

Segundo ponto

Considera que não devemos repartir o coração entre Deus e a criatura, porque não há repartição mais injusta. Só Deus formou nosso coração; só Deus nos redimiu à custa do sangue de seu Filho: logo nosso coração de só Deus deve ser. Não nos pede a metade dele, pede-no-lo todo por inteiro.

Nem nos pode pedir menos, nem com menos se pode contentar: dar-lhe não mais que a metade é dar-lhe nada. Não nos manda de qualquer maneira que o amemos, mas que o amemos com todo o coração; e, para que entendamos bem como se há de entender esta generalidade e esta totalidade, acrescenta: «Amarás a teu Deus e Senhor com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas entranhas.» É dizer que o amor que devemos a Deus há de absorver todos os nossos desejos, ocupar ele só todo o nosso pensamento e vencer ele só todos os estorvos. Segundo isso, será Deus muito amado? Segundo isso, amamos nós a Deus? Ah, que são muito poucos os cristãos que guardam este primeiro mandamento da lei de Deus; poucos os que podem dizer na hora da morte que cumpriram este primeiro preceito.

Sendo nosso coração tão pouca coisa, será muito dá-lo a Deus todo inteiro? Não será bastante Deus para enchê-lo? Será mister buscar nas criaturas com que ocupar seus vazios? Certamente não se pode fazer maior injúria ao mesmo Deus que nivelá-lo nesta repartição do coração com as criaturas. *Cui me assimilastis?* diz com indignação pelo Profeta. «Com quem me pusestes em competência? Que indecente competidor me assinalastes? Pois quê, não te bastava Deus só?» *Quis Deus?* Onde se pode achar alegria pura, tranquilidade perfeita nem plena felicidade senão em só Deus? Ele só será por toda a eternidade a perfeita bem-aventurança dos santos: e não bastará para ser a nossa nesta curta e miserável vida? Muito digno de compaixão é aquele a quem não lhe basta Deus.

Por outra parte, é impossível que esteja repartido. «Ninguém pode servir a dois senhores», diz o Salvador. Se respeita e ama a um, é preciso que despreze e aborreça ao outro, e mais quando os dois amos são tão contrários como Cristo e o mundo. Suas leis, suas inclinações, suas máximas e seus interesses são tão opostos que é impossível conciliá-los. «Que união, exclama São Paulo, pode haver entre a luz e as trevas, entre Jesus Cristo e Belial?» «O que ama outra coisa convosco e não a ama por vós tampouco vos ama a vós», diz Santo Agostinho. Deu-nos Deus o coração unicamente para que o amemos: não fazê-lo é a mais enorme e a mais clara injustiça; mas amá-lo pela metade ou imperfeitamente é disfarçada impiedade.

Deus meu, que vergonha e que dor o não vos haver amado até agora! Amei-me a mim mesmo, amei as criaturas, entreguei e franqueei pródigamente meu coração a sujeitos indignos; só a vós o neguei. Bem vedes, Senhor, quão oprimido está agora este mesmo coração à vista de sua ingratidão: desde este mesmo ponto começo a amar-vos: não rejeiteis este pobre coração, embora seja tão indigno de que o admitais: declaro desde logo que tudo é já vosso e que tudo será de vós daqui em diante.

Jaculatórias

> *Quid mihi est in cœlo, et a te quid volui super terram, Deus cordis mei?* Sl 72.

Deus meu de meu coração, fora de ti, que tenho eu nem que posso amar eu no céu nem na terra?

> *Pars mea Deus in æternum.* Ibid.

Eternamente sereis vós minha única herança, todo o meu bem e todo o meu desejo.

Propósitos

1. Fizeste jamais séria reflexão sobre esta desordem? O primeiro mandamento da lei de Deus, a base, falando com rigor, de todos os demais; a alma, por assim dizer, de toda a religião, sem a qual a fé é morta e as obras, ao parecer mais piedosas, são obras vazias: esse primeiro mandamento, volto a dizer, observa-se bem hoje? Que te parece: amam hoje a Deus os mais dos cristãos com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças? E, se o amam menos, amam-no verdadeiramente? Está persuadido de que amá-lo pela metade é não amá-lo. Que amor tens a Deus? Julga-o por tua tibieza e pela infidelidade com que o serves. Quanto tempo há que lhe estás negando essa curta mortificação, a vitória dessa paixão, esse pequeno sacrifício? Pede-te Deus que reformes essa profanidade, esse vão refinamento do bom gosto no modo de vestir-te, essa excessiva inclinação ao jogo; pede-te que não concorras já a tal espetáculo nem a tal conversação onde sabes muito bem que periga tua inocência; pede-te que rompas essa amizade, que não vejas já aquela pessoa e que te confesses regularmente uma vez cada mês ou com mais frequência; pede-te que vigies com maior cuidado sobre tua família, sobre teus filhos e sobre teus criados, que lhes dês melhores exemplos de modéstia, de sofrimento, de mansidão e sobretudo de uma vida mais cristã e mais edificante. Se tens a ventura de professar o estado religioso, está-te pedindo Deus uma observância mais exata de tuas regras, e tu lhe negas o gosto em algumas miudezas que não negarias a um amigo teu. Não ignoras que Deus deseja de ti mais pontualidade, mais submissão, mais silêncio: confessas que isso é nada, que é uma ninharia; e essa ninharia e esse nada o negas a teu Deus? Atrever-te-ás, depois disto, a presumir que amas a Deus com todo o teu coração? Remedia prontamente esta desordem.

2. Todas as manhãs, logo que te levantes, determinarás a prova que hás de dar a Deus naquele dia de que verdadeiramente o amas: por exemplo, de não encolerizar-te, ofereça-se a ocasião que se oferecer; de não impacientar-te; de não dizer palavra ofensiva a pessoa alguma; de não porfiar com ninguém; de não negar esmola a pobre algum; de mortificar-te em não concorrer a alguma diversão; de não jogar; de fazer tal penitência; de praticar tal devoção, etc. Propõe guardar tal e tal regra de teu instituto em que frequentemente te dispensas; de vencer-te em certos pontos; de mortificar-te em certas coisinhas, etc. Estes piedosos exercícios te farão amar logo a Deus verdadeiramente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:40 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:40 by Admin